



A importância dos povos guarani e kaiowá para a conservação ambiental

Jhersyka da Rosa Cleve¹

Introdução

Neste texto, pretende-se elencar algumas reflexões sobre a importância dos povos Guarani e Kaiowá para a conservação ambiental. A visão de mundo dos Guarani e Kaiowá é reproduzida pelas relações que envolvem a(s) sociedade(s) com a natureza. Estes sujeitos constroem laços simbólicos com o território com uma diversidade de espacialidades que possibilita a reprodução de diversos modos de viver. Desse modo, o objetivo é textualizar a importância desses povos para a conservação ambiental.

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe - Prodema/UFS. Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados.

Schaden (1974) salienta que os Guarani preferem se localizar em regiões florestais com matas fechadas, evitando permanecer em locais abertos para que atividades de caça e pesca possam ser desenvolvidas. As relações que esses sujeitos possuem com o território é caracterizada na ideia de *Tekohá*. A delimitação do *Tekohá* não ocorre a partir de limites criados pelo homem não índio, como por exemplo, as cercas. O *Tekohá* ocorre a partir de acidentes geográficos como morros, vales, rios e matas.

Assim sendo, percebe-se que o universo dos povos Guarani e Kaiowá difere-se do homem não índio. E tal diferença, reflete nas concepções de desenvolvimento, pois tais sujeitos compreendem a natureza como uma extensão do seu ser.

Contudo, não podemos cair na ingenuidade, pois a influência colonial e capitalista está presente no mundo indígena de múltiplas formas, o que impede visões românticas de sua realidade. (ACOSTA, 2016)

Entendemos como um fator positivo, pois estes sujeitos não podem ser colocados como seres separados. Entretanto, somos nós os karaí (homem branco em Guarani) que temos muito a aprender com estes sujeitos, pois nós não vivemos em harmonia com a natureza.

Dessa forma, a existência de grupos indígenas que mantêm relações harmoniosas com a natureza, possuem enorme potencial que deve ser explorado e aproveitado. (ACOSTA, 2016)

A concepção que estes sujeitos mantêm merece destaque, pois podemos ver nitidamente dois projetos de sociedades. Dessa forma, a existência de grupos indígenas que mantêm relações harmoniosas com a natureza, possuem enorme potencial que deve ser explorado e aproveitado. (ACOSTA, 2016)

Nesse sentido, nossa proposta é destacar as relações que os Guarani e Kaiowá estabelecem com o território em relação a conservação ambiental, como uma alternativa possível frente ao desenvolvimento pautado apenas no viés econômico. Seus modos de habitar possibilitam novos caminhos no que se refere a conservação da natureza, diante disso entendemos a importância de levantar essa reflexão.

Na primeira parte do texto apresentaremos algumas reflexões sobre o termo desenvolvimento e como o mesmo reflete nas relações que o homem não índio estabelece com a natureza. Logo, em uma segunda parte, dirigiremos a nossa análise na importância dos saberes dos povos Guarani e Kaiowá para a conservação ambiental.

Desenvolvimento para quem?

Julgamos importante iniciar este texto com tal tópico, pois vivemos um momento no qual a natureza tem sofrido inúmeros ataques em virtude da incessante busca do *desenvolvimento*, mas desenvolvimento para quem?

Antes de iniciarmos nossas considerações em relação ao termo desenvolvimento, é necessário começarmos refletindo sobre o motivo de sua criação. Por que

desenvolvimento? Qual seu fim? Desenvolvimento para quem? Os povos Guarani e Kaiowá estão incluídos nesse Desenvolvimento?

A origem do conceito desenvolvimento surge na biologia, empregado como processo de evolução dos seres vivos para o alcance de suas potencialidades genéticas. (SANTOS et al.,2012)

Ao consultarmos um dicionário o termo está relacionado a crescimento, progresso e adiantamento. Mas a que tipo de crescimento e progresso o desenvolvimento de fato refere-se?

Diante disso, recorreremos a Gilberto Dupas quando o mesmo atribui o progresso a um mito, pois de acordo com o autor:

O progresso, assim como hoje é caracterizado nos discursos hegemônicos de parte dominante das elites, não é muito mais que um mito renovado por um aparato ideológico interessado em nos convencer que a história tem um destino certo e glorioso que dependeria mais da omissão embevecida das multidões do que da sua vigorosa ação e da crítica de seus intelectuais. (DUPAS, 2007, p.89)

Ao atribuir o progresso a um discurso hegemônico é possível compreendermos a quem o termo desenvolvimento está ligado, sendo entrelaçado a uma elite hegemônica.

Desde meados do século 20, um fantasma ronda o mundo. Esse fantasma é o desenvolvimento. Apesar de a maioria das pessoas seguramente não acreditar em fantasmas, ao menos em algum momento acreditou no desenvolvimento, deixou-se influenciar pelo desenvolvimento. (ACOSTA, 2016)

Embora, até os mais leigos defendam a necessidade de desenvolvimento, ainda assim não sabem a real necessidade do mesmo. Nesse sentido, concordamos com Morin ao definir o desenvolvimento da seguinte maneira:

De um lado, é um mito global no qual as sociedades industrializadas atingem o bem-estar, reduzem suas desigualdades extremas e dispensam aos indivíduos o máximo de felicidade que uma sociedade pode dispensar [...] O mito do desenvolvimento determinou a crença de que era preciso sacrificar tudo por ele. Permitiu justificar as ditaduras

impiedosas, seja as de modelo "socialista " (partido único), seja as de modelo pró-ocidental (ditadura militar). As crueldades das revoluções do desenvolvimento agravaram as tragédias do subdesenvolvimento. (MORIN, 2003, p.78)

Ao compreendermos o desenvolvimento como um mito, podemos romper com a ideia de algo bom, pois ao apontarmos os caminhos de sacrifícios podemos olhar criticamente para algo presente no coração da sociedade. Quando se fala em desenvolvimento é possível ter inúmeras concepções, mas podemos afirmar o tal progresso e desenvolvimento benéfico apenas a uma elite a qual os indígenas, quilombolas e pobres não fazem parte.

É necessário rompermos com essa ideia dominante e buscar alternativas, conforme salienta Barbosa (2008, p.10): *“priorizar o desenvolvimento social e humano com capacidade de suporte ambiental, gerando cidades produtoras com atividades que podem ser acessadas por todos é uma forma de valorização do espaço incorporando os elementos naturais e sociais.”*

Ainda estamos caminhando em busca de um desenvolvimento que vise o social e humano, mas vivemos um momento que a modernização acelerada em busca do progresso trouxe consigo inúmeros problemas. Ao mesmo tempo que já existem alternativas e debates sobre uma nova concepção de desenvolvimento, os grupos hegemônicos continuam a priorizar um desenvolvimento atrelado ao viés econômico.

Entendemos o desenvolvimento como uma noção antiga a qual perpassa tanto a vida política quanto a social. Não é algo novo, pois esteve presente nos povos gregos, na sociedade cristã e se consolidou no mundo moderno, sendo assim fruto de uma evolução histórica.

A natureza é quem mais sofre as consequências do desenvolvimento, essa busca desenfreada por um progresso econômico esquece que os bens naturais são finitos. Antes por ignorância e, atualmente, pelo capitalismo desenfreado, é certo que as políticas adotadas pelos Estados nos levarão rumo às condições ambientais cada vez mais precárias. (CAVALCANTI, 2018)

Desde então, pouco se falou sobre suas contradições: desigualdade social, degradação ambiental, desemprego e subemprego, além de outras injustiças que colocam em perigo a continuidade da vida no planeta. (ACOSTA, 2016)

Dessa forma, faz-se importante uma alternativa para o desenvolvimento centrado apenas no viés econômico, pois nossa sobrevivência depende de outro

caminho. Nesse sentido, julgamos a necessidade de o homem entender quem é, pois somente assim a relação com as outras espécies deixará de ser apenas de propriedade. Conforme aponta Morin (2003, p.197):

Esse homem deve reaprender a finitude terrestre e renunciar ao falso infinito da onipotente técnica, da onipotência do espírito, de sua própria aspiração à onipotência, para se descobrir diante do verdadeiro infinito que é inomeável e inconcebível. Seus poderes técnicos, seu pensamento, sua consciência devem doravante ser destinados, não a dominar, mas a arrumar, melhorar, compreender. (MORIN, 2003, P.197)

É necessário que o homem se conheça e entenda que faça parte da natureza, pois somente assim poderemos caminhar para um desenvolvimento que envolva para além das questões econômicas. Afinal, o que é ser desenvolvido?

Portanto, o homem deve enxergar a sua totalidade e caminhar em direção do real ser desenvolvido, por esse motivo entendemos que os povos Guarani e Kaiowá podem contribuir para um novo tipo de desenvolvimento pautado na conservação ambiental. Seus saberes, práticas e formas de compreender o mundo, mostram a verdadeira essência do ser humano. A partir dessas relações podemos encontrar uma alternativa para um novo caminho;

Os saberes dos povos guarani e kaiowá: um caminho para a conservação ambiental?

As populações indígenas possuem uma relação com o território completamente distinta do não índio, especialmente os Guarani e Kaiowá, os quais estão localizados na região sul do Estado de Mato Grosso do Sul. A relação entre natureza e homem para esses povos é tida de maneira conectada. De acordo com Brand (2005, p.01):

[...] Entendem a natureza como algo vivo com quem se interage e se estabelece uma comunicação constante, apoiada numa visão cosmológica integradora. [...] Para os povos indígenas, a natureza, incluindo os animais e as plantas, o

mundo sobrenatural e as sociedades humanas, interagem e se comunicam constantemente. (BRAND, 2005, p.01)

Nesse sentido, a maneira como estes povos se relacionam com a natureza e seus saberes podem contribuir para a conservação ambiental. No tópico anterior discutimos a questão do desenvolvimento, faz-se necessário caminharmos numa outra ótica, pois os recursos naturais não são infinitos.

A sobrevivência dos homens necessita de uma alternativa, é necessário que o homem compreenda a natureza como parte de si e não apenas como algo para dominar. Dessa forma, os Guarani e Kaiowá apesar das dificuldades mostram que tais relações podem contribuir para um novo caminho.

Entendemos que sociedade não indígena precisa entender a natureza como parte de si e buscar outros caminhos. Necessitamos de um desenvolvimento social, o qual deve ser pautado na economia, no homem e na natureza. Ambos dialogando e caminhando juntos. Nesse sentido, os saberes dos povos Guarani e Kaiowá contribuem para uma nova história. Conforme salienta Mota (2017, p.83):

O diálogo com os Guarani e Kaiowá tem permitido aprender e sermos afetados por suas histórias e formas de pensar e agir no mundo, que requer vivenciar e aprender com outras cosmovisões de mundo. Ainda, perceber como o olhar de formiguinha, o que os diferentes e diversos povos estão arquitetando na construção de outro mundo possível. (MOTA, 2017, p.83)

O pensar destes povos entende um mundo unido em comunhão, sem divisões. O desenvolvimento desde sua origem está pautado em divisões, não caminha visando o bem-estar. Nesse modelo atual de desenvolvimento não cabe sustentabilidade. Assim como não cabe o pensar destes povos.

Nos territórios Guarani e Kaiowá é possível identificarmos saberes tradicionais seculares, os quais são subjugados pela hegemonia do conhecimento científico. Contudo, são exemplos de práticas reais de sustentabilidade socioambiental, em um momento histórico, sendo colocadas como um desafio a ser alcançado com certa urgência, uma vez que modelo capitalista é inegavelmente um modelo insustentável (LEFF, 2001; TOZONI-REIS, 2011).

Entendemos que para os Guarani e Kaiowá a terra, diz sobre o corpo e sobre relações de parentesco, eles compreendem ser parte do mundo como um todo. Para estes povos a terra, pessoas, alimentos fazem parte de todo o conjunto.

Dessa forma, adotamos falar sobre conservação ambiental, devido as relações que estes sujeitos mantêm com o território. Entendemos que a conservação ambiental é o termo mais correto para falarmos sobre a relação homem e natureza que os povos Guarani e Kaiowá mantêm. Em virtude de a preservação ambiental implicar em áreas naturais e protegidas sem ocupação humana (DIEGUES, 2000, p. 8)

Em relação a conservação ambiental, concordamos com Meneguzzo (2010, p.184):

O termo conservação da natureza deve ser adotado para referir-se a exploração racional da mesma, ou seja, uma exploração que leva em consideração a legislação ambiental, os preceitos éticos e os aspectos técnicos dos recursos naturais de maneira a mantê-los em condições adequadas para o uso das atuais e futuras gerações. (MENEGUZZO, 2010, p.184)

Nesse sentido, as práticas e saberes dos povos Guarani e Kaiowá contribuem para a construção de um desenvolvimento justo e que atinja a todos. A conservação da natureza é pautada para atender as futuras gerações, contudo, estamos vivendo um momento de extrema degradação aos recursos naturais. Então, eis o questionamento: os saberes dos povos Guarani e Kaiowá podem contribuir para um caminho pautado na conservação ambiental?

É uma pergunta a qual necessitamos de um estudo mais profundo, porém a reflexão lançada aqui é instigar o leitor a pensar sobre a importância dos saberes desses povos para as questões ambientais.

A colonização impôs o conhecimento sobre esses povos, não somente a eles, mas a todos os povos indígenas. Seus saberes por vezes já foram desconsiderados, porém entendemos a necessidade dos saberes destes povos para pensarmos um novo caminho de desenvolvimento, o qual deve ser pautado na comunhão com a natureza.

A hegemonia do desenvolvimento, do consumo e do crescimento econômico tem anulado esse conhecimento alternativo, não hegemônico, local, tradicional. (Sousa Santos, 2010).

Dessa forma, ao considerarmos seus saberes, entendemos que a maneira que se relacionam com o *Tekohá* contribui significativamente para a conservação ambiental. O tradicional e o local merece importância. Dessa forma, entendemos a necessidade de dizer o que significa o Tekohá e como a base territorial dos Guarani e Kaiowá é uma forma distinta de relacionar-se com a natureza.

Para conceituar o significado da palavra *Tekohá*, utilizaremos a definição proposta por Almeida e Mura (2003) que exprimiram como:

Os Guaranis denominam os lugares que ocupam de tekoha, significando o lugar físico - terra, mato, campo, águas, animais, plantas, remédios, etc. - onde se realiza o teko, o modo de ser, o estado de vida guarani. O tekoha engloba a efetivação de relações sociais de grupos macro familiares que vivem e se relacionam em um espaço físico determinado. Idealmente este espaço deve incluir, necessariamente, o kaoguy (mato), elemento apreciado e de grande importância na vida desses indígenas como fonte para coleta de alimentos, matéria-prima para construção de casas, produção de utensílios, lenha para fogo, remédios, etc. O kaoguy é também importante elemento na construção da cosmologia, sendo palco de narrações mitológicas e morada de inúmeros espíritos. Indispensáveis no espaço Guarani são as áreas para plantio da roça familiar ou coletiva e a construção de suas habitações e lugares para atividades religiosas (ALMEIDA & MURA, 2003, apud Santana Junior, 2009).

A partir de Almeida e Mura podemos compreender a complexidade e a riqueza sobre o que é território para esses povos. Para Ladeira (2008), o *Tekohá*, apesar de possuir base territorial como condição para a reprodução dos indígenas, é necessário que possua elementos ambientais, culturais e religiosos.

Além disso, a delimitação do *Tekohá* não ocorre a partir de limites criados pelo homem, como por exemplo, as cercas. O mesmo ocorre a partir de acidentes geográficos como morros, vales, rios e matas.

A partir do *Tekohá* é possível verificar a relação de natureza estabelecida pelos Guarani e Kaiowá, uma relação pautada no respeito e união. Tal relação que pode ser

uma saída para o desenvolvimento desenfreado ao qual vivemos. Contudo, devemos levar em consideração os saberes destes povos, para isso é necessário que exista o diálogo.

Entretanto, para esse diálogo existir ainda temos muitas barreiras para driblar, pois os Estados europeus impuseram uma forma de pensar, a qual se transformou em hegemônica. Após essa sucinta explanação, torna-se necessário apresentar o cenário em que estes povos estão inseridos.

Hoje, o estado de Mato Grosso do Sul vem passando por uma intensa atividade sucroalcooleira. Essa expansão tem se dirigido principalmente às bacias hidrográficas do Ivinhema, Amambaí e Iguatemi, atingindo os territórios Guarani e Kaiowa. Gerando a atual situação de conflito que envolve as disputas territoriais entre os indígenas e o agronegócio.

É nesse contexto que podemos ver nitidamente dois projetos de sociedades, os povos Guarani e Kaiowa de um lado e o agronegócio do outro. Ambos divergem em muitos aspectos da territorialização, pois a organização destes povos é pautada nos princípios de respeito à natureza.

Portanto, faz-se importante a reflexão sobre a importância desses povos para a conservação ambiental, visto que o agronegócio diverge em muitos aspectos. O agricultor não pretende conservar, mas dominar.

Desse modo, podemos compreender que a fração do território ocupado pelo agronegócio e a fração do território ocupado pelos Guarani e Kaiowá distinguem-se. Enquanto em uma propriedade que utiliza o monocultivo visando à exportação, não possui apego ou respeito pela terra, os Guarani e Kaiowá estabelecem uma relação mais íntima e de respeito com a natureza.

Cabe destacar que tais sujeitos enfrentam cotidianamente conflitos no estado do Mato Grosso do Sul, tanto aqueles que estão acampados quanto aqueles que estão na reserva.

Os Guarani e Kaiowá possuíam um imenso território no sul do Mato Grosso do Sul, porém hoje encontram-se confinados nas reservas ou acampados lutando por seus territórios. Contudo, os recursos naturais nunca deixaram de ser a essência destes povos, conforme salienta Ramos (1986, p.30): para as sociedades indígenas a terra é muito mais que simples meio de subsistência.

Hoje esses povos sofrem com o confinamento e a falta dos recursos naturais, porém o que buscamos apresentar neste texto é a importância dos seus saberes para a conservação ambiental. Em um período tais sujeitos viviam da subsistência, com

práticas ligadas a agricultura, caça, etc. E atualmente, existem dificuldades para esse modo de habitar, por isso faz-se necessário repensarmos a que tipo de desenvolvimento queremos.

Nesse sentido, os Guarani e Kaiowá apresentam em seus saberes um possível caminho, a luta pelo Tekohá demonstra claramente a existência de uma relação que vê a natureza e a entende como parte de si.

Portanto, entendemos a necessidade de um diálogo amplo de saberes ao se tratar a questão da conservação ambiental. Que tal dialogo não utilize apenas os conhecimentos acadêmicos, mas que leve em consideração os saberes dos Guarani e Kaiowá, pois o modo de habitar destes povos pode contribuir para a conservação da natureza.

Considerações finais

Portanto, os povos Guarani e Kaiowá permitem novos olhares para outras relações com a natureza e o território. Dessa forma, esperamos a partir deste texto contribuir para o debate sobre a conservação ambiental, mas levando em consideração os saberes destes povos.

Muito se fala sobre a natureza, mas do ponto de vista da Geografia, Biologia, Ecologia e das Ciências Ambientais. Contudo, ao falar sobre conservação ambiental é necessário levarmos em consideração os povos tradicionais, especialmente os Guarani e Kaiowá. Diante disso, julgamos necessário a importância de rompermos com a dicotomia homem x natureza.

O homem precisa se reconhecer como espécie, compreender a natureza como parte de si, nesse sentido os saberes dos povos Guarani e Kaiowá podem ser uma alternativa para o não índio se conectar e encontrar um novo caminho. Parece até uma utopia, porém esperamos que este texto contribuía para evidenciar a importância da relação que estes povos possuem com seus territórios.

Assim sendo, necessitamos urgentemente de um desenvolvimento pautado no social e na conservação dos bens naturais, o qual os saberes e modos de habitar dos Guarani e Kaiowá podem ser uma alternativa para esse desenvolvimento econômico desenfreado que vivemos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Referências

- ACOSTA, A. **O Bem Viver:** uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016. 264 p.
- Almeida, R. F. T. De; Mura F. (2003). **Povos indígenas do Brasil: Guarani, Kaiowa e Ñandeva.** Instituto Sócioambiental. 2003. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani> Acesso: em 01 de outubro de 2018.
- BARBOSA, G. S. **O Desafio do Desenvolvimento Sustentável.** Visões (Rio de Janeiro. Impresso), v. 4, p. 63-72, 2008.
- BRAND, A. J.; SIQUEIRA, Eranir Martins de ; COLMAN, Rosa Sebastiana . Território e sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani no Mato Grosso do Sul. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História**, 2005. p. 01-10.
- DIEGUES, Antonio Carlos. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos.** DIEGUES, Antonio Carlos (Org.), São Paulo: Annablume/Hucitec, 2000, p. 1-46.
- LADEIRA, M. I. **Espaço geográfico Guarani-Mbya:** Significado, constituição e uso. São Paulo: Edusp, 2008.
- LEFF, E. **Saber Ambiental:** Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MENEGUZZO, I. S.; CHAICOUSKI, A. Reflexões acerca dos conceitos de degradação ambiental, impacto ambiental e conservação da natureza. **Geografia (Londrina)**, v. 19, p. 181-185, 2010.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra Pátria.** Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MOTA, JGB. **Os Guarani e Kaiowá e suas lutas pelo Tekoha:** Os acampamentos de retomadas e a conquista do Teko Porã (bem viver). Revista Nera (UNESP), v. n.39, p. 13-38-38, 2017.
- RAMOS, Alcida. **Sociedades indígenas.** São Paulo: Ática, 1986.
- SANTOS, E. L.; BRAGA, V. ; SANTOS, R. S. ; BRAGA, A. M. S. **Desenvolvimento: Um Conceito Multidimensional.** Desenvolvimento Regional em debate, v. 2, p. 44-61-61, 2012.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura Guaraní.** (3ª ed.) São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1974, 200 p.

SOUSA SANTOS, B. de. **Descolonizar el saber, reinventar el poder.** Montevideo: Trilce, 2010.

TOZONI-REIS, M. F. de C. Educação e Sustentabilidade: relações possíveis. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, n. 2, v. 14, p. 293-308, 2011.